

RESENHA: VOCABULÁRIO DE ESPINOSA

GIONATAN CARLOS PACHECO *

Espinosa é um autor que teve uma vida curta e que nos deixou uma obra pouco extensa, contudo seu labor intelectual arraigado num racionalismo extremamente forte fez destas poucas obras um marco do pensamento ocidental. De fato, a profundidade e dificuldade da obra deste autor não são acompanhadas pela quantidade de materiais esclarecedores sobre o pensamento deste, em especial na língua portuguesa.

Porém, enquanto usuários da língua portuguesa, de forma alguma estamos totalmente desprovidos de matérias introdutórias, ou até mesmo de material com caráter de vocabulário espinosano. De longe, a obra mais completa que dispomos atualmente, nesse sentido, é o livro *Espinosa: filosofia prática* (DELEUZE, 2002), que já possui um grau de uso elevado entre os estudiosos da área. Com efeito, neste livro de Deleuze, é fornecido a nós um capítulo com o título de “Glossário dos principais conceitos da *Ética*” (doravante, apenas *Glossário*), que devido a sua popularidade, e também ao seu nível de esclarecimento conceitual, será tomado ao longo deste trabalho como parâmetro de comparação.

O *Vocabulário de Espinosa* (doravante, *Vocabulário*), por sua vez, se coloca enquanto um trabalho sintético e de fácil leitura. Por causa do arcabouço conceitual de Espinosa ser um tanto quanto peculiar, ferramentas que esclareçam de forma clara e precisa como tais conceitos operam dentro da filosofia do autor são fundamentais para o estudo. Não é difícil de ver que o *Vocabulário* é uma ferramenta que

mostra sua utilidade tanto como fornecedor de esclarecimentos, quanto em nível introdutório. Isto é, pode muito bem ser usado para introdução e instrumentalização teórica ao pensamento de Espinosa. Contudo, resta-nos saber de que forma, e até que ponto, o *Vocabulário* cumpre tal tarefa.

O autor do *Vocabulário* é o também francês Charles Ramond, que apesar de seus trabalhos sobre o pensamento de Espinosa não possuírem o mesmo impacto que os de Deleuze possuem, é um respeitável estudioso da obra de Espinosa que ao total publicou quatro livros sobre o autor, a saber: *Qualité et Quantité dans la philosophie de Spinoza* (RAMOND, 1995), *Spinoza et la Pensée Moderne: Constitutions de l'Objectivité* (RAMOND, 1998), *Le Vocabulaire de Spinoza* (RAMOND, 1999) do qual estamos resenhando a tradução (RAMOND, 2010), e o seu mais recente livro, *Dictionnaire Spinoza* (RAMOND, 2007). Além destes livros, o autor escreveu e coescreveu muitos trabalhos sobre Espinosa em outros diversos meios de publicações. Em 2005, Charles Ramond chega a publicar a tradução para o francês do texto latino do *Tractatus Politicus* de Espinosa, organizado em conjunto com Pierre-François Moreau e notas do já consagrado comentador da obra de Espinosa, Alexandre Matheron (Spinoza, 2005).

Como dito anteriormente, a obra de Espinosa é pouco extensa, porém isso de nenhuma forma implica que a abrangência desta seja pouco ampla, pois, na verdade, ela consiste em um sistema onde se deve encontrar uma relação dos conceitos entre si deveras estreita. Os temas da obra de Espinosa passeiam, dentre outros assuntos, sobre a metafísica, a epistemologia, a ética e a filosofia política, de sorte que os conceitos se aplicam muitas vezes de forma equivalente a todos os ramos da filosofia. Porém, por vezes, há rupturas

* Aluno do Bacharelado em Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA e bolsista de iniciação científica do CNPq vinculado ao “PROJETO DE PESQUISA O PASSADO E A MEMÓRIA”, sob a orientação do Prof. César Schirmer dos Santos. Sua pesquisa atual foca no seguinte tema: tempo, duração e a eternidade em Espinosa.

semânticas entre conceitos de uma obra para outra. Uma evidência da relação das matérias entre si é justamente ser a obra na qual encontramos o sistema metafísico espinosano exposto de uma forma mais completa chamada, não ironicamente, de “ética”.

De fato, existe a necessidade de estarmos cientes de quando devemos tomar os conceitos como unívocos ao longo da obra de Espinosa, e de quando devemos separar o significado de um conceito ao longo de disciplinas, ou obras, distintas. Por consequência, esclarecer este tipo de uso dos conceitos é mais uma tarefa do nosso *Vocabulário*. É, pois esta tarefa que, de alguma forma, distingue o caráter desta obra do esforço de Deleuze, por justamente este referir-se em especial à *Ética*.

Todavia, não é certo dizer que neste escrito Deleuze negligenciou esse tipo de questão. Além disso, ainda que o *Vocabulário* assuma uma apresentação dos conceitos de uma forma mais geral, ele perde em profundidade filosófica quando comparado com o *Glossário* de Deleuze. Pois, de fato, este último pode tranquilamente servir de instrumento interpretativo nos mais variados níveis de discussão às quais, por sua vez, o *Vocabulário* não forneceria grande contribuição, ao passo que ficaria mais bem colocado em estudos a níveis introdutórios ao pensamento de Espinosa.

A introdução que Ramond fornece, por seu turno, dá satisfatoriamente um panorama sobre as diferenças de significados entre diferentes focos. Por exemplo, quando tomamos a exposição de Ramond sobre o conceito de *absoluto* o autor aponta este conceito como possuindo uma relação diferente quando usado para apresentar a metafísica da substância, do que quando usado para se referir à filosofia política do Estado. Pois, quando a substância é referida como absolutamente infinita, o advérbio *absolutamente* evidencia a oposição ao que é infinito somente em seu gênero, ao passo que, por outro lado, quando em seus escritos políticos Espinosa vai usar as expressões “Estado absoluto” e “regime absoluto” é com a finalidade de qualificar a democracia.

A estrutura do texto de Ramond difere da usada por Deleuze, pois ao passo que Ramond preza pela clareza e didática, Deleuze prioriza a reflexão metafísica em um texto único para cada

conceito. A metodologia de Ramond usa uma abordagem conceitual que se constitui de três etapas, a saber: uma primeira abordagem tratando da definição básica do conceito, a seguir passando à definição científica e por fim é feito um comentário do conceito numa forma mais livre, o que possibilita uma introdução acerca das discussões interpretativas do pensamento de Espinosa. Desta forma, um bom exemplo da utilidade da abordagem mais livre se encontra no verbete *afecção*, onde o autor fornece uma interpretação clara do duplo uso deste conceito. Segundo ele, ora o conceito de *afecção* se apresenta como coisa singular, ora como alteração da coisa singular, além disso, “ao mesmo tempo ativa como *afecção* da substância e passiva como alteração deste ou daquele corpo humano” (p. 17).

No *Vocabulário* cada verbete aparece na língua original, o latim, na tradução do português, e também em francês para facilitar o entendimento etimológico do termo no contexto. Contudo, de fato, há com a tradução do francês ao português uma perda significativa de riqueza etimológica, ou ainda, filológica do trabalho de Ramond sobre os conceitos. Por exemplo, o verbete *alma* contém uma exposição sobre a problemática da tradução do termo latino *mens* para o francês, pois no vocabulário deste idioma não existe um conceito equivalente a mente, ao contrário do italiano – cita Ramond. Porém na língua portuguesa, assim como no italiano, existe um termo equivalente, que é *mente*, contudo o mais irônico é que, ainda assim, usamos a palavra *alma* em nossas principais traduções, visto que, como lembra Charles Ramond, Descartes traduziu o termo *mens* para o francês como *amê*, o equivalente a alma em português, deste modo, a presente edição do vocabulário peca ao não fornecer ao menos um nota que esclareça o leitor sobre a problemática no contexto da língua portuguesa. Mas, por fim, o “*Vocabulário*” continua sendo de uma utilidade relevante para quem desejar adentrar este caminho complexo e até mesmo geométrico que é a filosofia de Espinosa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

RAMOND, Charles. **Vocabulário de Espinosa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção vocabulário dos filósofos).

_____. **Qualité et Quantité dans la philosophie de Spinoza**. Paris: PUF Philosophie d'aujourd'hui, 1995.

_____. **Spinoza et la Pensée Moderne: Constitutions de l'Objectivité**. Paris, / Montréal: L'Harmattan; La philosophie en commun, 1998.

_____. **Le Vocabulaire de Spinoza**. Paris: Ellipses, 1999.

SPINOZA, Baruch. **Tractatus Politicus/Traité Politique**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005. (Édition publiée sous la direction de Pierre-François Moreau): Texte établi par Omero Proietti; traduction du latin, introduction, notes, glossaires, index et bibliographie par Charles Ramond; avec une notice de Pierre-François Moreau, et des notes d'Alexandre Matheron. (Collection Épiméthée).

